

MULHER E FUTEBOL: Desigualdade de Gênero e a Influência Midiática

Yasmin Lima da Costa*
Rachel de Oliveira Abreu*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir e refletir sobre a questão de gênero no âmbito futebolístico no Brasil, no qual a figura feminina em grande parte é associada como objeto atrativo, vinculada dentro da imagem midiática como símbolo sexual. Além disso, serão analisadas as várias facetas relacionadas ao gênero feminino dentro do esporte, assim como a sua desigualdade e o preconceito em relação a prática desta modalidade. O texto busca ainda a quebra deste paradigma em uma sociedade marcada pela herança cultural do patriarcalismo, instigando desta forma, a valorização das mulheres na prática do esporte mais popular do País.

Palavras Chaves: Futebol Feminino. Mídia. Sociedade. Questão de Gênero.

Abstract

This article aims to discuss and reflect on the gender issue in the middle of football, where the female figure is used as an attractive object and linked within the media image as a sex symbol. Analyze the various facets related to females in the sport, as well as their inequality and prejudice against the practice of this sport and the pursuit of breaking this paradigm in a society still marked by patriarchal culture. The adopted methodological approach drew on the use of an exploratory theoretical approach through a printed and electronic literature. We conclude that the prejudice against the practice of women's football in Brazil's history and culture, however despite little encouragement and appreciation women gradually are increasingly practicing this most popular sport in the country.

Key Words: Women's Football. Media. Society. Gender issue

* Discente de Licenciatura em História pela Universidade da Amazônia (UNAMA)

* Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais-PPGCS/UFPA

1 APRESENTAÇÃO

Partindo de uma reflexão histórico-cultural da sociedade brasileira, na qual insistem em diferenciar e subjugar tarefas, atitudes e gostos correlacionados a questão de gênero, percebe-se a dificuldade de construção e reflexão por meio de debates acerca de um tema considerado global, ou seja, a prática esportiva que é o futebol. Porém, as mulheres ainda enfrentam algumas dificuldades e sentem o peso de uma sociedade marcada pela herança do patriarcalismo antigo, que se enraizou em nossa história e adentrou nas normas de padrões sociais ao longo dos anos.

O futebol desde sua origem se caracteriza como um esporte atrelado ao sexo masculino, pelo seu meio social, força física e impacto corporal, sendo historicamente caracterizado como pouco adequado para as mulheres, que buscam serem reconhecidas e lutam pela conquista de seu espaço nessa modalidade esportiva. É importante ressaltar que tal fato, remete à influência histórica da sociedade brasileira, onde foi fortemente marcada por um sistema de caráter opressor durante o Período Colonial. O patriarcado caracterizou-se pela sua autoridade e “superioridade” no âmbito político, social e econômico, atribuindo a mulher um papel de “figurante” na história do Brasil. Neste contexto, não há como negar que esta influência comportamental chegou até os dias atuais, nos quais a mulher continua a exercer um papel secundário em relação às profissões consideradas “para homens”, apesar de já estar inserindo-se de forma mais participativa no meio sócio, apresentando sua utilidade e competência.

Recentemente, no meio esportivo a mulher vêm alcançando metas que até então eram omitidas ou menosprezadas, por apresentar características consideradas de cunho masculino. É notório que a imagem antiga da mulher associada ao futebol tem sido contestada nas múltiplas visões acerca do tema nos dias atuais, fato impulsionado pela conquista de vários direitos nos âmbitos profissionais e sociais. Desde modo, percebe-se que, nas últimas décadas a participação das mulheres em diversos locais onde a predominância masculina era alta, acarretou uma nova dinâmica social que está caracterizada pela tentativa da redução das diferenças entre os gêneros.

Em relação às práticas esportivas nos dias atuais, a participação das mulheres está aumentando cada vez mais em diversas modalidades, dentre elas o futebol, mesmo com a

desvalorização que o futebol feminino possui no Brasil. O interesse de meninas em praticá-lo vem aumentando progressivamente. Tal fato deve-se a algumas participações do futebol feminino em competições esportivas internacionais, a exemplo dos Jogos Pan-Americanos; Jogos Olímpicos, inclusive o Mundial de Futebol Feminino, que é organizado pela FIFA e predominantemente coordenado por homens. A partir destas competições, o futebol feminino vem ganhando destaque, ainda que seja momentâneo, limitado ao período de duração das competições. Além disso, a mídia como meio de comunicação de massa, dissemina muitas informações por meio de jornais impressos, rádios, telejornais e internet, atingindo, portanto, uma grande proporção de receptores, os quais acabam sendo influenciados pelos padrões e conceitos nestes transmitidos. A importância à comunicação em um mundo cada vez mais globalizado, onde a informação se difunde de várias maneiras, a comunicação se amplia através dos aparatos tecnológicos, a mídia torna-se neste sentido, um meio de fundamental importância na construção de ideias, opiniões e perfis sociais.

O presente artigo, portanto, ressalta a importância de retratar a mulher como sujeito ativo e participativo, apesar de que em vários momentos, a sua imagem seja reprimida devido à cultura historicamente conservadora da sociedade brasileira. É neste contexto em que se analisa o futebol como esporte de grande afeto pelos brasileiros e pelo mundo inteiro, restrito durante anos à prática dessa modalidade ao gênero feminino.

2 A MULHER E SOCIEDADE TRADICIONAL

A figura feminina por vários anos foi considerada inferior ao papel exercido pelo homem na sociedade, as mulheres eram em grande parte associadas às atividades do lar, as quais tinham por obrigação manter a organização da casa, cuidar dos filhos, e em alguns casos, eram impedidas de trabalhar externamente ou realizar outras atividades simples no dia a dia. Por muito tempo, a mulher foi considerada incapaz de produzir e realizar atividades físicas, assim como intelectualmente eram bastante inibidas. Estes fatos refletem a herança cultural da sociedade colonial, caracterizando assim uma sociedade extremamente tradicionalista.

Nesta perspectiva, Louro (1997) discute que as questões relacionadas aos gêneros teve início na formação dos movimentos feministas em meados do século 20, e foi engrandecido

especificamente a partir da década de sessenta, quando este movimento tornou-se mais visível na sociedade e na mídia. Para a autora, o reconhecimento do movimento teve seu primeiro início na década de trinta devido ao termo chamado de sulfragismo, considerado como uns dos primeiros movimentos relacionados ao feminismo, esse movimento tinha como objetivo a luta pelo direito das mulheres ao voto, e as reivindicações ligadas à organização familiar, oportunidade de emprego e direito à profissão, onde as mulheres naquela época eram totalmente excluídas de determinadas participações na sociedade.

Algumas mudanças foram essenciais para mudar o panorama e a representatividade da mulher perante a sociedade, a exemplo da crise econômica no século 20, que levou as empresas a aceitarem a inserção progressiva das mulheres no mercado de trabalho em diversos setores, em decorrência desse fator, surgiu um aumento crescente das famílias chefiadas por mulheres, houve uma crescente nas organizações de mulheres que lutavam por seus direitos e igualdade dentro do meio social. Fato que nos dias atuais reflete diretamente na ampliação do reconhecimento do papel da mulher na sociedade, inclusive no esporte.

2.1 A origem do futebol no Brasil

Em relação à origem do futebol do Brasil, os autores divergem no assunto, é importante destacar que existem várias versões, em algumas delas, citam-se os holandeses como precursores desse esporte no país, já que foram visto no Estado de Recife em 1870 alguns holandeses jogando futebol nas praias da cidade. Outras versões, no entanto, citam os ingleses improvisando rachas na praia carioca da Glória, em 1874, outras sugerem ainda os marinheiros do navio Criméia jogando próximo da residência da princesa Isabel em 1878, ou de funcionários de uma firma paraense de navegação, enfrentando os de uma companhia de gás, na Belém de 1890, ou de empresários ingleses em partidas no interior de São Paulo, assim, observa-se que com tantas versões, não há uma versão exata do surgimento do futebol no Brasil (MÁXIMO 1999).

Conforme Betti (2004), historicamente o futebol foi marcado por preconceitos atribuídos a sua prática. Para o autor, alguns clubes e federações de futebol no Brasil chegaram a apresentar certa resistência contra esse esporte que a cada dia ganhava mais popularidade no país, exemplo disso é que alguns clubes começaram a propor medidas

consideradas elitistas para a época, tal como os membros das ligas organizadoras exigirem dos seus atletas a comprovação do exercício de uma determinada profissão, ou então que comprovasse a sua fonte de renda, sendo que a maioria dos jogadores participantes dos campeonatos na época eram pobres ou analfabetos. Ainda de acordo com autor, com essas medidas impostas, muitos clubes passaram a contratar profissionais para assim alfabetizar os seus atletas e criarem para eles falsos empregos para poderem jogar nos campeonatos do Brasil.

Betti (2004) enfatiza que com o aumento do interesse pelo futebol no país, um público cada vez maior era atraído aos estádios, e diante da valorização dos clubes na modalidade, estes começaram a investir em seus campeonatos, os quais começaram a ter um grande interesse financeiro. Crescia desta forma, a necessidade de aumentar o desempenho das equipes, já que as mesmas estavam relacionadas diretamente com a venda e o lucro voltados para o futebol. Dessa forma, com a finalidade de melhorar o desempenho dos clubes nos campeonatos, as equipes brasileiras funcionavam como verdadeiras empresas. Neste contexto, os clubes começaram a buscar jogadores nas classes econômicas baixas, pois era lá que havia um seleto grupo de jogadores que demonstravam muito mais talento e habilidade com o futebol em relação aos praticantes mais ricos. Assim, progressivamente o futebol foi caminhando para a profissionalização do esporte que seria implantada em 1933, tornando-se um fenômeno no Brasil.

Segundo Souza Júnior e Darido (2002), a grande objeção da entrada das mulheres na prática do futebol no país, foi o preconceito histórico ao longo do último século nesta prática. Outro motivo, apontado por Faria Júnior (1995) está relacionado à ausência de oportunidade de praticar o esporte dentre das escolas, em função de muitas vezes os professores de Educação Física apresentarem a modalidade do futebol como “coisa de menino” e queimada ou voleibol “coisa de menina”.

Faria Júnior (1995) declara que a ausência da participação das mulheres no futebol no país está relacionada a alguns argumentos biológicos para afastar as mulheres do futebol. Ainda de acordo com autor, em meados do século 20, a classe médica era umas das referências na área da educação física, assim muitos médicos na época afirmavam que as atividades realizadas em relação ao futebol “masculinizava” as mulheres, pois desenvolveriam

pernas grossas, tornozelos “rechonchudos”, joelhos deformados e até lesões mamárias, relatos esses que provocavam o desinteresse por grande parte das mulheres e acentuavam o caráter masculino do esporte no Brasil.

De acordo com Moura (2003), naquele período do início do século eram comum que as mulheres fossem inibidas de realizarem alguns esportes, principalmente os quais se referiam ao contato físico como no caso do futebol. Para os especialistas, naquela época existiam alguns esportes que eram indicados para as mulheres, a exemplo da natação, o tênis e o voleibol.

Em 1940, o médico Hollanda Loyola escreveu um artigo na Revista Brasileira de Educação Física, retratando a prática esportiva do futebol voltado para as mulheres no Estado do Rio de Janeiro, conforme os relatos abaixo:

Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios de nossa capital iniciou a prática do futebol feminino entre nós [...] tem as nossas patrícias disputado várias partidas entre vários clubes... A imprensa esportiva explorou-a habilmente através de um noticiário minucioso e de uma propaganda, intensa, aumentando o entusiasmo do público e o ‘elan’ das jogadoras (LOYOLLA, 1940 p. 20 *apud* MOURA, 2003 p. 30).

Souza Júnior e Darido (2002) dizem que em determinados períodos, como na época da ditadura militar marcada pela repressão de liberdade e democracia das pessoas, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixou uma deliberação (Deliberação CND 7/65) que proibiu a prática de determinadas modalidades esportivas às mulheres, incluindo o futebol, o futebol de salão e o futebol de praia. Assim verifica-se que o preconceito em relação à prática do futebol pelas mulheres era claro e evidente. Diante disso, foi formulada uma lei para impedir a prática do futebol por mulheres, acentuando mais ainda o preconceito que já existia sobre a modalidade de esporte naquela época.

2.2 A Prática do Futebol feminino e a relação com a mídia

O futebol ainda pode ser considerado como um esporte mais popular no Brasil, tanto pelo público masculino quanto pelo feminino, entretanto, percebe-se claramente que a relação da mídia e a exposição dos jogadores de futebol estão quase sempre voltadas para o futebol masculino, onde jogadores são muito mais valorizados, assim como recebem salários maiores

do que o feminino. Dessa forma, isso acarreta em uma grande desvalorização por parte do futebol feminino, muitas vezes sem prestígio, onde nem mesmo os familiares apoiam o gênero feminino quando assim decide ser uma jogadora profissional de futebol.

A participação das mulheres em competições esportivas é observada gradativamente decorrente de alguns séculos, visto que desde o século 19, já era possível observar as mulheres em algumas competições internacionais em diversas modalidades esportivas, e a cada medalha ou conquista virava motivo histórico para tal feito, visto que era comum as pessoas (narradores esportivos) comentarem após uma medalha de ouro de uma mulher, “era a primeira vez que uma mulher subia no pódio mais alto em uma competição”, ou então se ouvia falar, “nunca uma mulher chegou tão alto”, e por aí adiante, o que fez com que o passar do tempo o número de mulheres fossem aumentando em competições esportivas, assim como houve aumento no número de participações de modalidades antes dominadas exclusivamente por homens.

Entretanto o futebol, um esporte que já era reconhecido como uma prática também feminina pelo Conselho Nacional de Desportos apenas na década de oitenta, do século XX, foi objeto de resistência das mulheres quanto a sua impossibilidade, imposta por uma sociedade machista, de praticá-lo. (LOURO, 2003).

Dessa forma no Brasil, observa-se o aumento na procura pela prática do futebol por parte das mulheres, em virtude disso, o seu aparecimento midiático passou a ser mais evidente, principalmente depois de alguns resultados históricos conquistados pela seleção feminina de futebol em competições internacionais. Todavia, o tratamento e a visibilidade que a mídia trata as mulheres em seu envolvimento com o futebol, é totalmente diferente em relação aos homens no esporte.

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes envolvendo mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para notícias do que os esportes envolvendo homens (STERKENBURG; KNOPPERS, 2004, p. 303).

Conforme Priore (2000) enfatiza o tratamento que a mídia expõe em relação à cobertura relativa aos dois gêneros, para ela, na mídia parece haver dois caminhos: o primeiro,

sendo o do esporte masculinizado e o segundo, o do esporte feminino, como modelo de beleza e objeto de desejo.

Desse modo é possível fazer uma relação de acordo com autora, que as atividades esportivas, algumas estavam voltadas exclusivamente para os homens, já que as modalidades esportivas se enquadrariam em um símbolo de um imaginário de força, poder e músculo, dessa forma a mulher deveria ser poupada deste possível processo de “masculinização” que muitos acreditavam que poderiam acontecer. Assim em decorrência deste conceito, percebe-se uma pequena participação das mulheres e também de um tratamento pela mídia que é diferente em relação aos homens.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (GOELLNER, 2005, p. 92).

Mesmo com a cobertura da mídia na prática do futebol para as mulheres, a suas disparidades não serão diminuídas, pois se percebe o reforço do tratamento viril e de resultados ao esporte masculino e o desprezo, atenção à beleza, associação ao papel de maternidade da mulher e preconceito ao esporte feminino. Sabe-se que a mídia é um grande veículo de comunicação para diversas camadas sociais do país, por isso seria importante se a mesma tratasse de forma igualitária a cobertura e o incentivo aos esportes tanto para o masculino quanto para o feminino.

Observa-se que culturalmente o futebol é um esporte considerado para prática de homens, sendo que não é comum para muitas pessoas aceitarem que o futebol faça parte do mundo feminino também, e justamente por essa cultura existente imposta há séculos, que muitas meninas desde pequenas não se sentem interessadas na prática do esporte, pois não encontram apoio dos familiares, assim como dentro das escolas. Diferentemente dos meninos que desde pequenos são apresentados ao mundo do futebol, onde recebem apoio e incentivo dos pais, amigos e da escola em diversas competições de futebol, para que seja o orgulho muitas vezes de sua família e de pessoas próximas.

No entanto apesar da grande desvalorização que o futebol feminino ainda possui no Brasil, percebe-se que atualmente muitas meninas começam a se interessar pelo esporte, mesmo sabendo que o incentivo a prática dele no Brasil ainda seja pequena, muitas meninas estão iniciando sua jornada no âmbito futebolístico muito cedo, o que contribui bastante para tal feito é o posicionamento de alguns clubes, assim como algumas escolas que estão investindo no futebol feminino, mesmo que em passos lentos, mas em alguns lugares já é possível observar a preparação de meninas para competições de futebol feminino, o que é considerado um fator extremamente importante, pois as mulheres almejam o reconhecimento, o respeito e também o apoio por parte das autoridades e sociedade em geral.

2.3 O Futebol Feminino e Cultura

Segundo Moura (2005) destaca que em determinados países como no caso dos Estados Unidos, o futebol feminino possui uma valorização e reconhecimento totalmente diferente em relação ao Brasil, nos EUA o futebol feminino representa um esporte reservado para as mulheres, tanto que o time de futebol feminino tem até mais conquistas do que o futebol masculino. O futebol é bastante solicitado pelas mulheres (grande parte universitárias) o que contribui para que o número de pessoas apoie a prática esportiva das mulheres, fazendo com que tenham uma grande aceitação nacional tanto pela mídia como pela população, situação totalmente contrária ao Brasil. Ainda de acordo com as palavras do autor, o futebol feminino, se equipara a grandes esportes já consagrados dentro dos EUA, como por exemplo, beisebol, basquetebol, futebol americano e etc. Assim todos esses dados demonstram que a representação que temos em relação ao esporte (masculinas x femininas) não se configuram como esporte fundamentado em aspectos naturais, todavia são construções culturais sujeitas a modificações históricas e sociais.

De acordo com Goellner (2005) a baixa visibilidade que as mulheres possuem no futebol feminino no Brasil está relacionada principalmente sobre a aproximação entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Portanto devido a essas características citadas acima estarem relacionadas, esses fatores contribuem

para que alguns argumentos existam, de que o futebol é somente para homens, exclua as mulheres e ao mesmo tempo desvalorize enquanto jogadoras de futebol feminino no Brasil.

No ano de 2001 a Federação Paulista de Futebol (FPF), criou o Campeonato Paulista de Futebol Feminino, campeonato esse que foi denominado de Paulistana. Porém, esse campeonato para muitos que ali desejam ver o futebol feminino como um esporte profissional para mulheres, imaginavam o campeonato com objetivo de dinamizar o futebol na sua versão feminina, sendo assim, a FPF promoveu uma seleção de atletas a fim de direcioná-las aos principais clubes de futebol do Estado. Entretanto na cobertura da mídia, a imprensa local fez questão de afirmar que a criação desse campeonato tinha como objetivo principal o “embelezamento” do torneio feminino, criando uma vitrine que, segundo o presidente da entidade na época, Eduardo José Farah, “uniria a imagem do futebol à feminilidade”.

Conforme Knijnik e Vasconcelos (2003) enfatizam que no processo de busca de atletas para esse campeonato de São Paulo, a confederação apoiava em realçar puramente a beleza das candidatas, e não suas habilidades para jogar futebol, fator que deveria ser levado em consideração na hora da seletiva. Para comprovar, nos cartazes de divulgação da “peneira” (seletivas de jogadoras de futebol) estavam expostas uma famosa modelo trajando uniformes esportivos, convocando garotas entre 17 e 23 anos para participação no processo de seleção para os times. Portanto, observa-se conforme os autores, que claramente o grande objetivo desta estratégia de marketing era mostrar que é possível jogar futebol e possuir características femininas, aliás, os próprios dirigentes destacavam que seria um campeonato tecnicamente “bom e bonito”.

Dessa maneira, pode-se relacionar a questão estética das mulheres vinculadas à exploração e o apelo do corpo feminino, de acordo com as estratégias de marketing citadas e utilizadas acima, essa estratégia busca desmitificar a imagem que se tem do futebol feminino, relacionado aos estigmas futebolísticos “masculinizados”, estigmatizado ao passar dos anos como, por exemplo, determinados estereótipos, como se todas as mulheres que praticam esse esporte fossem consideradas homossexuais, o que de fato infelizmente muitas pessoas ainda continuam pensando dessa maneira.

2.4 Aspectos que influenciam o embate sobre o futebol entre os gêneros no contexto escolar

De acordo com Sayão (2002), ressaltar a importância da existência de uma integração entre meninos e meninas em todos os aspectos educativos da criança, desde primeiros anos da escola, a partir da aplicação de uma política educacional voltada para a integração das atividades entre meninos e meninas juntos, contribuindo dessa forma para que possam ter uma igualdade social e também uma convivência solidária. Ainda de acordo com autor, a análise dos motivos de interesse ou desinteresse (aceitação ou rejeição) das crianças em participar de atividades ligadas ao futebol reafirmam as informações encontradas dentro da literatura, e estão associadas aos aspectos históricos e culturais que o país possui em relação a esse esporte.

Para Sousa e Altmann (1999, p.56) o motivo da exclusão das meninas na prática do futebol são diversos, dentre eles citam que é não somente pela questões de gênero por serem mulheres, mas por serem vistas por muitos como “sexo frágil” e que não teriam a mesma habilidade e força que seus colegas na modalidade desse esporte. Dessa maneira, para o autor, a falta de estímulo, a inabilidade motora e ao não entendimento da estrutura de jogo estão associadas falta de interesse de meninas em participar de atividades ligadas ao futebol. Portanto a aceitação entre as crianças não está somente, na diferença de gênero (meninos e meninas), mas está também relacionada se a criança consegue jogar com certa habilidade e se ela é aceita pelo grupo e entende as regras do jogo.

Se as diferentes formas de comportamento no esporte não forem vistas como expressão de estereótipos de papéis contraditórios, mas sim como diferenças condicionadas culturalmente, têm-se uma nova luz sobre as dificuldades da prática conjunta e dos possíveis novos incentivos para a sua solução. (SARAIVA, 2005)

Por isso que autores como, Sayão (2002) defendem em suas ideias que os todos educadores na hora de realizar suas atividades pedagógicas necessitam agir no sentido que minimize certos estereótipos que já estão impostos pela sociedade, só assim, poderá contribuir na construção da identidade de gêneros tendo em vista a sua pluralidade, fazendo com a criança não se sinta excluída em suas atividades.

Em favor da integração de meninas e meninos dentro das aulas de esporte, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 42) de Educação Física declara em seu documento que:

As aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias. (BRASIL, 1998, p.42)

Segundo Darido (2002) ressalta em suas ideias, que para tentar evitar que tenha determinados tipos de exclusão na prática do esporte nas aulas, orienta que o professor precisa ter várias estratégias de ensino relacionadas não exclusivamente as questões de gênero, mas sim estratégias que possam fazer entender determinadas características do contexto e propor atividades que possam unir os grupos (meninos e meninas) e diminuir a separação existente desses grupos, sendo necessário considerar os gêneros, nível de habilidade, número de alunos e outras. Assim Souza Júnior e Darido (2010) analisam que o tratamento do conteúdo (futebol) na educação física escolar deve ser essencial para contribuir para a formação de alunos críticos e autônomos em relação à interpretação do mundo atualmente.

Portanto as aulas de educação físicas são essenciais como ferramentas de auxílio para significação de valores sociais, fazendo com que a cultura do futebol somente para meninos seja deixada de lado e que as aulas forneçam aos alunos subsídios suficientes para que possam ter uma sociedade no futuro muito mais tolerante e inclusiva. Sendo assim, é importante que o professor de Educação Física possa ter conhecimento dos fatos sociais e culturais que podem ser voltados à prática de atividades físicas, de lazer, de cultura e de esportes dentro do ambiente escolar. Dessa forma, o educando terá a possibilidade de observar, analisar e interpretar as informações e comportamento dos alunos para assim poder planejar atividades e até mesmo resolução de conflitos futuros que possam acontecer dentro da esfera escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é um esporte popular não somente no Brasil, mais também em vários países do mundo, tanto para homens quanto para mulher, entretanto não seria possível dizer que ambos os sexos tem o apoio e o prestígio nas atividades relacionadas ao futebol. Dessa forma,

o envolvimento da mídia é diferente em relação aos campeonatos de futebol masculino e feminino, percebe-se que a cobertura dos meios de comunicação são inferiores, assim como muitas vezes tratam a mulher como um ideal de beleza e objeto sexual. Desse modo, a crítica à parcialidade da mídia no que concerne ao gênero, parece sempre voltar à tona quando há algum estudo que envolva a mídia e o esporte.

A mídia por ser influente e estar presente em nosso cotidiano, é um meio que interfere nos comportamentos, atitudes e opiniões das pessoas, além de ser difusora de informações. Com isso, faz-se necessário analisarmos com cautela para que não haja distorções com relação aos aspectos sociais ou quaisquer que seja a exemplo da figura feminina no cenário futebolístico.

Analisando a cultura de massa, pode-se perceber que o capitalismo comercial está vinculado ao ensejo do lucro e da persuasão, ou seja, de vender uma ideia para atingir um determinado público. Normalmente a mulher vem sendo muito explorada nas publicidades e propagandas, servindo como símbolo de atrativo sexual, para atrair consumidores, onde o público alvo são os homens, entretanto, o objeto de atenção acaba sendo o corpo feminino, podemos citar como exemplo os comerciais de cerveja, onde sempre vem acompanhado de belas moças, atraindo atenção e incitando as fantasias masculinas.

A figura feminina no futebol é motivo de conotações, muitas vezes pejorativas por ser pouco mencionado ou até mesmo atrelado como algo que não tenha atração. Diferentemente do futebol masculino, que é visualizado como um mercado mais virtuoso e citado, onde se percebe desde então as diferenças em vários aspectos.

O presente artigo permitiu concluir que o preconceito contra as mulheres que praticam futebol no Brasil é histórico e cultural. É possível observar ainda hoje há existência do cerceamento da mulher em determinadas práticas esportivas consideradas femininas, ou seja, para muitas pessoas ainda o futebol não é um esporte apropriado para mulheres, sendo que as que praticam o esporte muitas vezes são julgadas e pouco reconhecidas.

Existem muitos aspectos que estão associados com o preconceito da participação das mulheres no futebol, dentre eles está o mito do “sexo frágil”, achar que a mulher não tem condições de participar de um esporte onde o contato físico e a força são enormes. Existem outros argumentos também que são apontados, como o controle biológico da aparência

corporal da mulher, já que para alguns as mulheres que iniciam esse esporte, dentro de algum tempo podem desenvolver características masculinas o que faria que as mesmas fossem chamadas de homossexuais ou outros nomes pejorativos.

Portanto observa-se que a mídia ainda não divulga o futebol feminino, de maneira que incentive o seu crescimento e valorização no País. Por isso é importante iniciar um processo no qual valorizasse o futebol na sua essencial de prática esportiva e não o corpo feminino, no qual, pudesse através de seus veículos de comunicação mudar o panorama do futebol que ainda luta por seu espaço para as mulheres no Brasil, só assim seria possível a valorização, respeito e a igualdade das atletas no futebol na sociedade. Enfim, em se tratando do “País do futebol” torna-se necessário rever seus conceitos e relevância a prática feminina desta modalidade e da ressignificação de alguns sentidos que a ele estão incorporados, para que possam afirmar que esse espaço também seja seu.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BETTI, M. **Violência em campo; dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: ed. Unijui, 2ª ed., 2004.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, dez. 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. Editora SENAC. São Paulo, 2000.

FARIA JÚNIOR, A. G. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. Pesquisa de campo. **Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol**. UERJ. n° 2, p. 17-39, 1995.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil**. IN: COZAC, J. R. Com a cabeça na ponta da chuteira. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003a.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis. Vozes, 1997. p. 14-16

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL; Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). **Corpo, gênero, e sexualidade: um debate contemporânea na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 09-83

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Disponível em: <<
http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. IN: DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. IN: DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

NUNES, Hudson Fabricius, et. al. Educação Física, Futebol E Gênero: Uma Proposta De Ensino A Partir Das Relações De Poder. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014. Disponível e: <http://www.revistas.ufg.br/feef/article/viewFile/30968/17752>. Acesso em: 30 jul. 2016.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: 2º ed. UNIJUÍ, 2005

SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na educação infantil. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, p. 1-14, 2001-2002.

SILVA, Mário Moreno Rabelo; SANTOS, Heliany Pereira dos. Cruzando Fronteiras “um olhar sobre gênero e o futsal na escola em Catalão”. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.MarioSilva.pdf>. Acesso em: 31 Jul. 2016.

SOUSA, E. S; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, Campinas, ano 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.

SOUZA JÚNIOR, O. M. e DARIDO, S. C. **A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental**. Motriz. Rio Claro-SP, vol. 8, n. 1, p. 1-9, 2002.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de, ALTMANN, Helena. Meninos em meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex** ano XIX, nº 48, agosto/1999, p. 52-68.

STERKENBURG, J. e KNOPPERS, A. Dominant discourses about race /ethnicity and gender in sport practice and performance. **International Review for the sociology of Sport**. London. v.39, n.3, p.301-321, 2004.

VAZ, Antônio Carlos. **Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas**. In: SOUZA, Adalberto dos Santos. Desafios para uma educação física crítica. São Paulo: Cult, 2005.